

# O tempo outro na poesia de José Albano

Jorge Pieiro

Mestre em Literatura Brasileira - UFC

## Resumo

Estudo crítico sobre a atemporalidade da poesia do cearense José Albano, baseado na análise histórico-comparativa de poemas inclusos na obra *Rimas* (1912), tendo como núcleo a “Ode à Língua Portuguesa”; e o registro conclusivo de inserção naquele poema de todas as fases da poética albaniana.

## Palavras-Chave

Literatura; poesia; poesia cearense; Simbolismo; Parnasianismo.

## Abstract

Critical study on the timelessness of the poetry of José Albano, from the State of Ceará. This study is based on the historical-comparative analysis of poems enclosed in the piece *Rimas* (1912), having as its nucleus the poem “Ode à Língua Portuguesa” and the conclusive record of insertion of all the phases of Albano’s poetry in that poem

## Keywords

Literature; poetry; poetry from Ceará; Symbolism; Parnassian School.

A obra poética do cearense José Albano (Fortaleza, 1882 - Paris, 1923), reunida no livro *Rimas*, em 1966<sup>1</sup>, edição da Imprensa Universitária do Ceará, constitui-se um momento singular da poesia brasileira do início do século XX, por mostrar-se excêntrica e anacrônica, tanto quanto ao estilo individual, quanto aos valores estilísticos de sua época.

Para possibilitar uma reflexão, tomar-se-á como referência o poema *Ode à língua portuguesa*, publicado originalmente em 1912, e modificado, posteriormente, na *Antologia Poética* (1918), editada em Fortaleza, pela Typis Assis Bezerra. A hipótese é a de que no aludido texto registram-se efeitos estéticos e algumas referências literárias encontradas nas fases definidas para o conjunto da obra de José Albano<sup>2</sup>, de modo a permitir a seguinte questão: a preocupação do poeta está em desligar-se do seu tempo presente em busca do passado ou em resgatar valores desvanecidos em sua contemporaneidade?

A poesia de José Albano impressiona o leitor, não apenas pela erudição, mas também pela suavidade com que trata alguns temas universais, tais como: desesperança, tristeza, desejo de morte e desengano.

Ora romântico em seus versos iniciais, em pleno domínio parnasiano, ora considerado epígono desse último estilo, com retardo, não se deve admitir o enquadramento categórico de José Albano em qualquer dessas escolas literárias, uma vez que, havendo necessidade de tal desígnio, optar-se-ia por um extemporâneo Classicismo<sup>3</sup>, de origem portuguesa, à maneira de Camões. Neste caso, seria José Albano mais um poeta problemático, no que tange à possibilidade de inserção em qualquer estilo de época no Brasil. Assim, estaria o poeta, a voltar-se ao passado, aquém do seu tempo, protagonizando um anacronismo e, destarte, tornando-se inferior a seus pares?

Admita-se como negativa qualquer resposta e leia-se o que Sânzio de Azevedo bem enfatizou: “Inegável, porém, é que Albano logrou integrar-se de tal maneira em seu mundo, que chegou a construir uma obra inteiramente anacrônica em face dos padrões então vigentes, mas que, na realidade, se resolve em arte sublime e intemporal, traduzindo uma cosmovisão personalíssima.”<sup>4</sup>

O poeta Manuel Bandeira, que organizou, revisou e prefaciou uma edição, quase completa, da obra de José Albano (1948), em seu *Itinerário de Pasárgada*, conclui que “homem nenhum pode ser inatual, por mais força que o faça. O vocabulário, a sintaxe podem ser inatuais; as formas de sentir e de pensar, não. Somos duplamente prisioneiros: de nós mesmos e do tempo em que vivemos”.<sup>5</sup>

Dentro dessa ótica, inclui-se o poeta em estudo, sobre quem o mesmo Bandeira concluiu: “O pobre José Albano fez um esforço tremendo para não ser do seu tempo e não o conseguiu. Ninguém consegue”.<sup>6</sup>

A *Ode à língua portuguesa*<sup>7</sup>, um dos mais divulgados poemas de José Albano, foi publicada inicialmente com a *Canção a Camões* (originalmente, *Cançam a Camoens*), pelas Oficinas de Fidel Giró, de Barcelona, em 1912. Na verdade, mais um folheto da obra fragmentária do poeta, que a exemplo das *Redondilhas* e de *Alegoria*, naquele mesmo ano, foram todas contempladas com o título *Rimas de José Albano*. Desta ode, Braga Montenegro, em prefácio às *Rimas*, admite que o verso de Albano atinge uma beleza rítmica incomum entre poetas brasileiros.

O poema se compõe “de um quarteto em rima cruzada e mais três versos: o primeiro rimando com o terceiro; e o segundo - este de seis sílabas, como na ode-modelo - com a tônica final do primeiro segmento melódico (rima interna) do terceiro e último verso.”<sup>8</sup>

As modificações procedidas pelo poeta, em relação ao texto original, de 1912, importam dois aspectos que reforçam a conclusão de Manuel Bandeira, no que tange ao não deslocamento do sentimento, em detrimento do efeito estético. Repare em alguns exemplos abaixo, modificações apenas formais, quanto ao estilo de época, cuja meta é atingir o formato clássico: em alguns versos, observa-se a utilização de supressões vocálicas, como em “de Amôres” por “d’amôres”; “de ornamentos” por “d’ornamentos”; “de engenho e de arte” por “d’engenho e d’arte”; assim como o exemplo de apossíndice no verso “Sempre e sempre te eu veja meiga e pura”, modelado de acordo com o padrão do Classicismo.

No aspecto de conteúdo, resultado da ânsia de José Albano para encontrar a forma ideal para os seus poemas, as alterações efetuadas remontam a aspectos léxicos e semânticos. Por não se tratar de objeto de estudo neste trabalho, serão apenas entrevistados os aspectos estéticos, considerando as suas fases poéticas e suas relações com o tempo.

A modelagem romântica (“lirismo passional”) pode ser encontrada na poesia de José Albano, principalmente em alguns dos quinze sonetos não reunidos em livro - mas constantes nas *Rimas* -, pelo subjetivismo e sentimentalismo evocados por seus versos.

É importante salientar que, mesmo fora dos limites temporais estabelecidos para o período romântico, José Albano, nesses sonetos, ver-seja como um romântico, porém sem ater-se ao modelo estilístico da escola, pois há também recursos do estilo clássico, e mesmo indícios da poesia mais próxima da sua época. Trata-se, pois, de uma apropriação de vários estilos, o que, reforça o valor da poesia albaniana.

A *Ode à língua portuguesa* vincula-se ao que Antônio Sales definiu como fase de “erudição clássica”, juntamente com os poemas de *Redondilhas* (1912), compostos por vilancetes, cantigas e trovas.

No poema-louvação, tanto se verifica um manifesto em defesa da língua portuguesa, como, em si mesma, a ode encerra os artifícios verbais do período clássico, conforme já mencionado anteriormente.

Acentuando essa fase (ou face), José Albano apresenta a sua *Canção a Camões* e o longo poema *Alegoria*, que é considerado “uma imitação voluntária e bem aproximada”<sup>9</sup> de *Os Lusíadas*, portanto clássico.

Ao comentar a obra do simbolista Alphonsus de Guimaraens, José Guilherme Merquior assegura que o poeta José Albano é “um dos nossos melhores sonetistas, um grão-senhor do decassílabo sempre mavioso, dúctil e bem timbrado (...) e, como tal, um grande lírico religioso”.<sup>10</sup>

No entanto, a marca maior da religiosidade de José Albano, pelo menos no que tange à temática (“êxtase místico”), encontra-se no longo poema dramático *Comédia angélica*, publicado em 1918. É, de certa forma, uma libertação da influência camoniana, pelo menos no aspecto do conteúdo, estando, pois, mais próximo do “pietismo católico do início do século XX”<sup>11</sup>. Isso, se é vantajoso para o perfil do poeta, pois é um desafio ao próprio estilo, reforça

a idéia da impossibilidade de distanciamento do seu tempo e da própria vida marcada pela herança religiosa.

Na fase de “exaltação pagã”, acrescentada por Braga Montenegro, por conta do poema *Triunfo*, admite-se que há bem menos influência de Camões, se não, uma aproximação maior com matizes arcádicos, segundo Sânzio de Azevedo.

Merquior considera os tercetos dantescos de *Triunfo* dos mais belos da nossa literatura, em comparação que faz a partir da leitura de “Última jornada”, de *Americanas* (1875), da lavra poética de Machado de Assis.<sup>12</sup>

Ainda, segundo Montenegro:

Albano nos dá mostra bem significativa de desinteresse pela continuidade persistente dos fatos em sua seqüência lógica, e assim é que teoricamente o poema pode ser situado em três épocas, nos vários planos da realidade ou supra-realidade em que se expressa: no começo dos séculos, quanto ao tema; na Renascença, quanto à forma; na idade moderna, quanto à inspiração.<sup>13</sup>

*Triunfo* é um texto de modelo clássico, pelo que encerra de mitológico, bem ao gosto do paganismo renascentista, e pela sobriedade dos seus versos. No entanto, não conseguindo livrar-se totalmente da sua obsessão pela poesia camoniana, ainda estão presentes os hipérbatos. Isto só acentua a idéia da impraticabilidade de pensamento do homem fora do seu tempo, o que não invalida, pelo contrário, valoriza a criação poética.

José Aderaldo Castello inclui José Albano entre aqueles que são “seguidores ou prisioneiros de uma tradição poética que na verdade começou com o subjetivismo romântico e atingiu as preocupações formais do Parnasianismo”<sup>14</sup>, tais como Goulart de Andrade, Humberto de Campos, Gustavo Teixeira, Amadeu Amaral, Aníbal Teófilo, Paulo Gonçalves, Martins Fontes, além de outro cearense, Américo Facó.

Fato curioso dá-se com a inclusão de Albano, pelo poeta Manuel Bandeira, numa *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Simbolista*, e a inserção do mesmo poeta como parnasiano, por Péricles Eugênio da Silva Ramos, em sua antologia *Poesia Parnasiana*<sup>15</sup>.

Contrariando, de certa forma, a tentativa de enquadramento do poeta, Sânzio de Azevedo afirma que

A nós nos parece que nem a espiritualidade de sua inspiração basta para lhe conferir qualidades simbolistas nem o gosto pelo Classicismo permite seja ele considerado neoparnasiano. O traço arcaizante não foi uma componente accidental na poesia de José Albano, mas a essência mesma de seu modo de ser artístico. Assim, o poeta continua a ser uma figura independente, nem simbolista, nem parnasiano.<sup>16</sup>

Pode-se dizer que, para o poeta, o presente não lhe trazia a menor perspectiva, daí a tentativa de recompensar-se com o passado, especificamente na poesia, que tanto o fazia distanciar-se do mundo real. Isso, provavelmente, justifica o seu desajuste em relação à sociedade de seu tempo.

Estando, pois, ausente das demarcações do estilo preconizado em sua época, a poesia de José Albano instaura-se como um modelo isolado e forjado em estilo singular. Seria imprudente julgá-lo simplesmente um passadista descontente com o seu tempo, pois a sua poesia humanista e

clássica alinha-se como um modelo atemporal, portanto, ultrapassando modelos e modismos.

A poesia de José Albano cumpre o rigoroso caminho da imortalidade, não pelo ineditismo, não pelo anacronismo, muito menos pelas acusações de pastiche ou falta de estilo, idéias, de certa forma, paradoxais àquela senda. Os versos do poeta consolidam-se porque são sublimes, como a lembrar Longino, para quem na criação há natureza e técnica e que é preciso pensar em seu necessário encontro.

## Notas Bibliográficas

<sup>1</sup> Uma edição anterior de *Rimas* foi organizada por Manuel Bandeira para a Editora Pongetti, em 1948. Em 1958, também uma antologia de poemas de José Albano foi publicada na Coleção “Nossos Clássicos” pela Livraria Agir Editora.

<sup>2</sup> Antônio Sales, em prefácio não aproveitado para a obra *Rimas*, definiu três fases para a poesia de José Albano: “lirismo passional”, “erudição clássica” e “êxtase místico”. Uma quarta fase, “exaltação pagã” foi acrescentada por Braga Montenegro. Cf. AZEVEDO, Sânzio de. *Aspectos da literatura cearense*. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de Letras, 1982. p. 49)

<sup>3</sup> Tomemos a acepção do termo a partir de Massaud Moisés, para quem “o Classicismo constitui um movimento em que se tornou moda a supervalorização dos escritores da Antiguidade greco-latina”.

<sup>4</sup> AZEVEDO, Sânzio de. *Op. cit.*, p. 49.

<sup>5</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 91.

<sup>6</sup> BANDEIRA, Manuel. *Op. cit.*, p. 91.

<sup>7</sup> ALBANO, José. *Rimas*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966. p. 86-88.

<sup>8</sup> MONTENEGRO, Braga. “José Albano: estudo crítico”. In: *Rimas*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966. p. 35. A ode-modelo mencionada é a Ode VI, de Camões.

<sup>9</sup> AZEVEDO, Sânzio de. *Op. cit.*, p. 54.

<sup>10</sup> MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 202.

<sup>11</sup> VASCONCELOS, Ruy. *José Albano*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Coleção terra bárbara, 13). p.73

<sup>12</sup> MERQUIOR, José Guilherme. *Op. cit.*, p. 215.

<sup>13</sup> MONTENEGRO, Braga. “José Albano: estudo crítico”. In: *Rimas*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966. p. 26.

<sup>14</sup> CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

<sup>15</sup> AZEVEDO, Sânzio de. *Op. cit.*, p.60.

<sup>16</sup> AZEVEDO, Sânzio de. *Op. cit.*, p.60.